

A MUSICALIDADE PRESENTE NAS FOLIAS DE SANTOS REIS EM PIRENÓPOLIS – GOIÁS

Aline Santana Lôbo¹

Maria Idelma Vieira D'Abadia²

Resumo: As folias de Santos Reis realizadas em Pirenópolis Goiás são rituais tradicionais que tem por objetivo vivenciar a viagem dos três Reis magos que acompanharam a estrela guia até o local do nascimento de Jesus. Atualmente, várias folias saem pela zona rural e pelos bairros da cidade em busca de cumprir o objetivo proposto. Nessa perspectiva ocorre a evangelização por meio das cantorias, o pagamento de promessas feitas aos santos e a arrecadação de donativos para a Igreja Católica e instituições de caridade local. O artigo propõe compreender como a musicalidade presente nas folias indicam as etapas rituais que devem ser cumpridas pelos foliões, bem como as particularidades presentes em cada rito musical. A construção metodológica da pesquisa toma por base as observações dos rituais e das gravações de áudio das músicas cantadas pelos vários grupos. Fato resultante das pesquisas de campo realizadas entre 2013 a 2015 nessas manifestações.

Palavras-chave: Musicalidade; Folia de Reis; Pirenópolis.

Introdução

Nesse artigo buscamos apresentar a variedade musical presente nos rituais das Folias em Pirenópolis, Goiás. As folias de Reis são festejos de origem portuguesa, ligados às comemorações do ciclo natalino, trazido para o Brasil nos primórdios da formação do território nacional. Essas de acordo com Moura (2004,185) “é um festejo de origem portuguesa que ainda hoje mantém-se vivo nas manifestações folclóricas de muitas regiões do país”.

Afirmativa também apontada por Gonçalves (2012), quando discorre sobre folias de Reis e religiosidade popular usando como exemplificação as folias de Reis de Juiz de Fora em Minas Gerais e seu caráter de expressão da religiosidade popular.

Os primeiros registros da Folia de Reis no Brasil datam do século XVIII e desde então a festa se difundiu pelos estados brasileiros tendo ainda hoje grande presença na zona rural. O grande fluxo de pessoas vindas do campo para as cidades, principalmente a partir da década de 1960, fez com que a celebração também tomasse forma nas áreas urbanas brasileiras, em muitos

1 Pedagoga, musicista, discente do Programa de Pesquisa e Pós-graduação Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado – UEG alinesantanalobo@gmail.com

2 Doutora em Geografia, docente do Programa de Pesquisa e Pós-graduação Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado – UEG midabadia@bol.com.br

casos com menos visibilidade e em outros com estilos próprios (GONÇALVES, 2012, p.4).

Dada essas considerações a folia de Reis se apresenta como uma herança social do saber, de valores e crenças quando se refere a sua diversidade de elementos simbólicos, religiosos e culturais reproduzidos na dinâmica da manifestação em tela.

Para Brandão (2004, p. 396) a folia é “essencialmente uma prática religiosa coletiva e uma sequência de rituais entendidos como capazes de colocar em evidência a solidariedade entre todos os participantes”. Na mesma perspectiva, Pessoa (2005) apresenta as folias como uma forma de saber, ou seja, uma compreensão de mundo realizada pelos sujeitos sociais que a pratica e a compõe, além de ser voltada para a solidariedade humana. Nas folias há oportunidades de desenvolvimentos de práticas de aprendizagem dos saberes populares outrora guardados na memória daqueles mais velhos, sendo repassados e vividos pelos mais novos no conjunto da prática religiosa cultural.

Nesse sentido, a folia é parte de um texto que será lido de acordo com a visão de mundo de seus participantes (foliões e agregados), inseridos em uma paisagem cultural. De acordo com Cosgrove (2004), a paisagem cultural é um texto de muitas dimensões, oferecendo a possibilidade de leituras diferentes simultâneas e igualmente válidas.

A folia de Reis contém significados contidos na paisagem, ou seja, elas próprias constituem uma paisagem que se apresenta, sobretudo na forma de sonoridade. Os sons são os elementos subjetivos incorporados na formação dos grupos de folia. O som tem um poder mediador hermético: é o elo comunicante do mundo material com o mundo espiritual e invisível, (WISNIK, 1989, p.28).

No que tange à análise da paisagem cultural simbólica, sua leitura realiza-se por meio de relações apreendidas, que muito contribui para a compreensão e explicação das festas como significado e identidade de grupos esculpindo uma dada paisagem cultural, ou seja, expressando uma referida territorialidade.

A proposta central do artigo visa à compreensão da musicalidade presente nas folias indicando as etapas rituais que devem ser cumpridas pelos foliões, bem como as particularidades presentes em cada rito musical. A construção metodológica da pesquisa toma por base as observações dos rituais e das gravações de áudio das músicas cantadas pelos vários grupos. Fato resultante das pesquisas de campo realizadas entre 2013 a 2015 nessas manifestações. Esses procedimentos metodológicos consistem na observação densa dessas manifestações, a descrição etnográfica, como resultado parcial observou-se a diversidade da paisagem, gostos, sabores e os sons.

Os resultados parciais analisados possibilitaram novos questionamentos sobre a musicalidade presente na paisagem sonora das folias de Santo Reis no município de Pirenópolis, Goiás. O destaque dá-se pela questão da importância da musicalidade na folia de Reis no município, bem como as particularidades e características próprias de cada grupo.

O texto estrutura-se em duas partes, na primeira discute-se a construção da sonoridade festiva das folias como uma forma de interpretar esses grupos culturais no espaço e a marca que eles imprimem na paisagem construída. A segunda parte apresenta a música executada nos rituais da folia como componente central dessa expressão, os sons dos instrumentos musicais, transpõe o ambiente e o sacraliza.

A construção de uma sonoridade festiva

Na sociedade atual as festas religiosas podem ser vistas como fatores de ressignificação, ou seja, perpetuação de uma tradição nos mais variados lugares. Segundo D'Abadia (2010), os estudos sobre festas populares permitem desvelar, criticar e reinterpretar as representações simbólicas e afetivas vivenciadas no cotidiano dos indivíduos.

E quanto ao estudo das festas Pessoa descreve que

(...) a festa visa marcar em cada membro do grupo social os seus valores, as suas normas, as suas tradições; ao mesmo tempo em que se transforma sempre num grande balcão, numa grande demonstração das inovações, das mudanças, das novas descobertas, das novas concepções e, porque não dizer, da fecundidade das transgressões. Festejar ou simplesmente festar, como dizemos num genuíno "goianês", é, antes de tudo, aprender o quanto temos de riqueza e de sabedoria a preservar e, ao mesmo tempo, o quanto temos a aprender com as transformações da história, com a lenta mudança das mentalidades. Quem vai à festa tem a possibilidade de aprender que o que se sabe ainda não é tudo para se continuar a viver e a reproduzir as condições de sobrevivência. Há que se abrir para o novo que cedo ou tarde acaba chegando e preenchendo nossos espaços vitais, até mesmo os de nossa habitação. Mas na festa também se pode aprender que o novo, por mais irremediável que seja, precisa ser integrado à herança que recebemos, que foi e, em muitos casos, ainda permanece sendo reconstituída, reproduzida e ensinada por abnegados artistas e sábios conservadores da cultura popular. A festa popular é o grande e fecundo momento a nos ensinar que a arte de viver e de compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo, paramos no tempo. Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias (Pessoa, 2005, p.39).

Quanto à importância do estudo do espaço festivo Claval argumenta:

o estudo do tempo-espaço festivo religioso, parte da cultura geral, é uma forma de interpretar a distribuição dos grupos culturais no espaço e a marca que eles imprimem na paisagem construída periodicamente (a festa); é uma maneira de valorizar o ser humano, investigando as sensações e as percepções do homem segundo sua história; a comunicação coletiva e a construção de identidades permitem o indivíduo ou grupos expor as dimensões simbólicas, que, às vezes, encontram-se restritas à sociedade. (CLAVAL, 1999: 91-92).

A festa está originariamente associada à celebração da memória presente em acontecimentos, de lugares ou de personagens do passado. Para a realização da festa alguns elementos são fundamentais dentre os quais destacamos a música como elemento imprescindível para tal evento. Nas festas religiosas, a música atua como o fio condutor de todo processo ritual. É também por intermédio da música que os homens e as mulheres do lugar se reúnem e se organizam para fazer que ritos de celebração da vida e realizações pessoais sejam manifestos (VILELA, 2013, p.59).

Assim, nas folias de Reis é marcante a cantoria, feita pelos diferentes tipos de vozes e entonações e os instrumentos musicais, dentre os quais destacamos a viola, o violão, o cavaquinho, a acordeom, a caixa, o pandeiro e a marcação realizada pelo palhaço que, utilizando uma vara com tampinhas de metal na ponta improvisa um instrumento musical.

Durante os giros das folias é comum percorrerem ruas e avenidas, nas cidades e estradas vicinais na zona rural. Nesse percurso ao chegarem à residência onde acontecerá o pouso, os foliões se organizam em duas fileiras para adentrarem na casa cantando. Essa organização obedece a uma disposição em que a bandeira, conduzida pelo alferes, representa o elemento simbólico mais importante da folia. Essa segue a frente do grupo juntamente com os palhaços e os cantores com seus instrumentos. Ao aproximarem são recepcionados no portal improvisado denominado “arco”, construído para tal fim pelos moradores da residência. Para adentrar na casa os foliões cantam pedindo permissão e reverenciam os donos da casa, momento em que lhes entregam a bandeira. Depois de permitida a entrada o grupo caminha até o altar para fazer a saudação ao presépio, se existir. Quanto mais ornamentado é o altar, mais extensa será a cantoria das músicas, pois os músicos saúdam cada elemento nele presente.

Os cantos realizados são repentes ora rimados, ora não. Os músicos se dividem em dois grupos e cantam numa simulação de perguntas e respostas. O assunto dos versos da folia é o nascimento de Jesus, a reverência a cada elemento do altar como santos, arcos, flores, agradecimento aos donos da casa, o pedido pelos alimentos, o pedido de pouso. Após essa

etapa ritual, nas folias de Pirenópolis, é comum realizarem a dança do Cháⁱⁱ em agradecimento aos presentes oferecidos na chegada.

Outra dança comum nos pousos de folia é a Catira que pode ser apresentada antes ou depois do jantar. O jantar é servido precedido de uma oração/reza de agradecimento. Após o término das refeições a mesa é retirada deixando somente a farinha de mandioca. Nesse momento os foliões se posicionam em volta da mesa, com seus instrumentos musicais e entoam cantos de agradecimento ao alimento ofertado.

No município de Pirenópolis várias folias fazem o giro durante os festejos de Reis, no ciclo natalino, reforçando o princípio das tradições familiares, em que a sequência de pousos acontecem nas casas dos parentes. Nessa dinâmica é comum ter a sequência do rito passado de geração em geração, ou seja, o pai começou e os filhos continuaram, e os netos acabam desenvolvendo o gosto também. Na continuidade são agregados genros, noras, vizinhos e outros simpatizantes.

No distrito de Lagolândia, do município enfocado, ao terminar o jantar os foliões saem a pé para o giro da folia, que acontece durante a noite, na zona rural. Ao amanhecer chegam à moradia do novo pouso, deixam a bandeira no altar e voltam para suas casas onde terão um período de descanso. A partir das quatro horas da tarde vão para o lugar no qual deixaram a bandeira pela manhã, dando continuidade ao ritual.

A Música da Folia

A folia de Reis é uma prática oriunda da Igreja Católica, são rituais de peditório de donativos. A religiosidade e a devoção de seus guias, o pagamento de promessa e a vontade de festejar mantém acesa esta prática de origem lusitana apropriada pelo povo e realizada até os dias atuais. Trata-se de uma prática do catolicismo popular que adquiriu especificidades e singularidades em cada localidade.

Ao percorrer a zona urbana e rural de Pirenópolis, depois dos festejos natalinos, é possível encontrar com os giros das folias de Reis. Nesta peregrinação os partícipes da folia cantam seu som singular, versos rimados descrevem o trajeto percorrido pelos Reis magos até o local do nascimento do menino Jesus.

Segundo Silva (2000), as festas e tradições populares, de um modo geral, tiveram um importante papel na mediação entre as diversas culturas que se confrontaram, a partir da colonização do Brasil. Coube à Igreja o papel de difusão dessas manifestações, embora muitas delas fizessem parte do gosto da população portuguesa que, mesmo em terras distantes, procurava praticá-las.

No passado, a ausência do pároco ou das autoridades religiosas dava aos leigos a função de manter viva a fé popular e com isso as festas prosperavam. Souza ao pesquisar sobre as festas mostrou os detalhes da composição, da administração e da organização que seguiam um modelo lusitano, mas estavam também ligadas ao universo sociocultural banto, assim menciona

as coletas de esmolas por membros das irmandades, especialmente encarregados disso, era cena comum nas ruas das cidades coloniais, onde muitas vezes danças e tambores africanos conviviam com as folias, de origem portuguesa, que percorriam as ruas ao som de música e carregando estandartes, recolhendo dinheiro para a realização de festas de santos padroeiros (SOUZA, 2002, p. 209).

Não é possível precisar o início dos giros das folias pelo município de Pirenópolis, cidade que surgiu no ciclo da mineração em Goiás, no século XVIII. Contudo, a persistência dessa tradição sobre o tempo é resultante dos ensinamentos passados de geração a geração, da influência das migrações e do entendimento daqueles que lideram a peregrinação - mestre ou embaixador.

A música sempre foi um componente central nas folias, com função sagrada, a letra expressa em versos rimados cria um clima de devoção, os sons dos instrumentos musicais, transpõe o ambiente e o sacraliza. A realidade é ressignificada por meio de uma performance ritual.

Petrágia (2010), afirma que o fenômeno sonoro e a própria música, presente nos rituais, ganham uma dimensão que se mostra altamente reveladora das qualidades de um ambiente e dos seres nele inseridos. Aquilo que de fato ouvimos, os sentimentos que nos evocam e seu significado pode ser tingido por toda sorte de experiências pessoais e mesmo por nosso contexto histórico-cultural.

Assim, as músicas cantadas na folia além de ser uma oração é um ato de imaginação criativa, de expressão; agrega uma diversidade rítmica e é a manifestação da devoção. As melodias entoadas por esses grupos de foliões dão o tom e o som que acompanham esses festejos.

Sem os músicos não há folia. Cada instrumento compõe a paisagem sonora do espaço festivo.

A música é parte essencial do ritual de *Folia*. Desde o momento que o terno se aproxima de uma morada para cumprir a devoção, são entoados cantos. O tema principal é o nascimento de Cristo – da anunciação de Nossa Senhora até a virgem e à visita dos Três Reis. Também é comum as imagens, que compõem o altar, tornarem-se tema da cantoria. Os versos rimados podem ser improvisados ou não (CORRÊA, 2002, p. 66).

A percussão é realizada pela caixa de couro fazendo a marcação rítmica das músicas da folia, sua sonoridade marca os compassos repetitivos que induz a oração. Outro instrumento de percussão é o pandeiro que finaliza com ritmos marcantes, também utilizados primordialmente com função rítmica.

Os instrumentos de cordas são o violão, a viola e o cavaquinho. Estes são afinados de modo que facilite o acompanhamento das músicas da folia. Para Torres e Kozel (2010), a escolha dos timbres de cada instrumento também pode estar relacionada aos sons que as pessoas já estão habituadas a ouvir.

O acordeon é o instrumento melódico que acompanha as vozes humanas e recheiam de arranjos os entremeios das músicas. As vozes são divididas em dois grupos de duplas de foliões que cantam versos rimados evocando os Reis do Oriente. Em cada um dos grupos eles fazem vozes diferentes,

o dueto está presente na maioria das funções populares. Pode-se dizer que a noção de duas vozes, entoadas em terças e sextas, é quase intuitiva no meio rural. É comum alguém cantar uma melodia e outra pessoa, naturalmente, fazer uma segunda voz, em terças ou sextas. (CORREA, 2002, p.69)

As letras das músicas acompanham os momentos rituais da folia. Os versos cantados normalmente são rimados e enquanto um grupo canta a pergunta o outro responde, em outras vezes um grupo canta e o outro repete. Cada folia tem seus ritmos e melodias próprias em que apresentam suas singularidades.

Os sons executados pelas folias de Reis em Pirenópolis, numa visão ampliada, não só dão forma ao lugar, mas de maneira combinada e associada constroem um conteúdo identitário. Esculpem nas famílias um sentimento de pertencimento em que os ancestrais, seus feitos e suas festas tornaram-se os emblemas da sociedade.

As folias de Reis e suas festividades transmudam o espaço cotidiano em espaço festivo e sagrado, no qual se cultuam santos, pagam-se promessas, encontram-se pessoas e verificam-se conflitos. As formas descontraídas de representação dos cultos são teatralizadas e ritualizadas com grandes quantidades de gestos, símbolos, cores, sabores e principalmente sons.

Em Pirenópolis, ao realizarem-se ano após ano, os festejos ligados ao ritual da folia, reproduzem continuamente as memórias de acontecimentos ou estados passados, por isso estes festejos com sua sonoridade singular, reproduzem, criam e recriam o momento festivo. Portanto, “a ‘integridade’ da tradição não deriva do simples fato da persistência sobre o

tempo, mas do ‘trabalho’ contínuo de interpretação que é realizado para identificar os laços que ligam o presente ao passado” (GIDDENS, 1997, p. 82). Esses laços irão alimentar a continuidade de uma tradição promovendo ora mais intenso, ora menos intenso a construção de uma sonoridade festiva.

Considerações finais

É possível pensar que a música se portou como um elemento mediador nas folias e suas relações com as comunidades rurais. Nas festas religiosas, a música atua como o fio condutor de todo processo ritual. A folia no seu percurso é permeada de cantorias embaladas num ritmo contínuo, e nos versos improvisados, descrevem, pedem e agradecem cada elemento dos arcos, dos altares, das esmolos, dos alimentos. Corrêa (2002) discorre que as folias são documentos sonoros, reminiscências de outras épocas, enfim, testemunhos da identidade musical de um povo. As músicas entoadas constroem uma teia de significados é a parte essencial do ritual da folia.

As manifestações musicais da folia de Reis em Pirenópolis estiveram sempre presentes integrando o imaginário e a cultura do lugar. Constituiu-se, assim, um meio permeado pela tradição, no qual novas identidades e representações foram recriadas, congregando símbolos diferentes e decodificados pelos diversos grupos sociais envolvidos.

Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004.
- CORRÊA, Roberto. A arte de pontear viola. 2ª ed. Brasília: Viola Correa Produções Artísticas, 2002. 259 p.
- COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.
- CLAVAL, PAUL. A Geografia Cultural. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.
- D’ABADIA, Maria Idelma Vieira. Diversidade e Identidade Religiosa: uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Múquem, Abadiânia e Trindade – GO, Goiânia, IESA/UFG. 2010. (tese de Doutorado)
- GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony, LASH, Scott. Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na oedem social moderna. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.
- GONÇALVES, Gabriela Marques. Religiosidade popular e folia de Reis. In: Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí: História e Diversidade Cultural. 1 (1), 2012, p. 11. Disponível em :

<http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20%2898%29.pdf> Acesso em:
12/05/2015.

MOURA, Clóvis. Dicionário da Escravidão Negra no Brasil. São Paulo, Editora da USP, 2004.

PESSOA, J. M. Saberes em Festa. Goiânia: Editora da UCG, 2005,93p.

PETRAGLIA, Marcelo Silveira. A música e sua relação com o ser humano. Botucatu:OuvirAtivo, 2010.

SILVA, Mônica Martins da. A Festa do Divino. Romanização, Patrimônio & Tradição em Pirenópolis (1890-1988). / Mônica Martins da Silva. Goiânia, 2000. 259p.

SOUZA, Marina de Mello e. Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

TORRES, M. A.; KOZEL, S. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia. Editora UFPR. R. RAÍE GA, Curitiba, n. 20, p. 123-132, 2010.

VILELA, Ivan. Cantando a própria história: música caipira e enraizamento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. 225p.

WISNIK, José Miguel. O som e o Sentido. 2ª ed., 8ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 283 p.

ⁱ O presente artigo está vinculado à pesquisa “Artes e Saberes nas Manifestações Católicas Populares” UEG, que conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás — FAPEG, conforme Chamada Pública nº 005/2012.

ⁱⁱ Na dança do Chá, os foliões fazem duas filas, atrás dos músicos, estes batem palmas e dançam ao som de músicas festivas, de compasso ternário. Realizam evoluções dançando de um lado para o outro.